

## Dois dedos de prosa com Eustáquio

Passava em frente a uma farmácia no entorno do Castelo quando, para minha surpresa, vi Eustáquio à beira da calçada. Seria ele mesmo... ou alguém muito parecido com o meu amigo e ex-colega de trabalho? Não era possível, Taquinho como o chamávamos (entre os jornalistas era o Tatá), já havia nos deixado em 2014, dez anos antes, que iriam se completar, agora, no dia 31 de janeiro.

Não resisti à inusitada visão: parei meu carro numa vaga à minha frente, saltei o mais depressa que pude, cheguei-me a ele:

- Eustáquio! O que você está fazendo aqui, amigo?

- Olá, Gustavo! Faz tempo que não nos vemos, não? Preciso levar alguns remédios novos, que só encontro aqui. Já estava de saída.

- Mas, me conta, por onde tem andado? Você ainda se lembra do nosso tempo mesa ao lado de mesa, lá no “Chapeuzinho Vermelho”?

- Gustavo, aquilo tudo ficou no passado. Claro, lembro-me do tempo que vivi lá, deixei muitos amigos na empresa, mas era um mundo só deles. Descobri, depois, uma vida mais ampla aqui fora, com novos e mais desafiantes horizontes. Existia muito mais coisa a se envolver, você me entende?

Enquanto ele falava, vinha-me à mente um emaranhado de lembranças:

Um dia, no começo de 1977, ele chegou meio sem jeito, disse “bom dia” e foi logo pegando o seu lugar na mesa ao lado. Era o novo colega que começava na nossa Assessoria de Imprensa, um jovem jornalista chamado Eustáquio Teixeira Gomes, que já passara pelo Correio Popular, quando ainda na Conceição, 124.

Quase um menino. Nas mãos, uma pasta com recortes de jornais e - reparei - textos escritos em letras bem redondas. Dali em diante íamos descobrindo, aos poucos, a “fera” que se escondia sob aquele ar acanhado, tímido.

Não demorou muito, algumas semanas talvez, já era popular por ali: frequentava todos os departamentos e seções da grande indústria de autopeças, amigo de todos. Inspirava confiança quando pegava na caneta para anotar dados que usaria em textos da nossa revista para funcionários e revendedores.

Logo descobrimos seu ponto forte: gostava de escrever. Contos, crônicas, histórias do cotidiano, eram suas preferências. E isso ele fazia em todos os momentos que lhe sobravam durante a correria do trabalho.

Certa vez, precisávamos de certas anotações para uma reportagem que guardava com ele. Como estava a serviço em São Paulo, pediu-me que as

pegasse em sua pasta - aquela sua pasta. Procurando o material, vi que ali depositava, também, rascunhos da história da sua vida: a origem humilde no interior de Minas, as experiências vividas como seminarista, seus primeiros passos nas letras, enfim, dados que, anos mais tarde, iriam compor um saboroso livro de memórias.

Apesar da pouca idade, era seguro nos diálogos do dia a dia, principalmente quando falava ao telefone com gerentes e diretores. Mas, ao desligar, dizia para mim, brincalhão: “Eles pensam que deste lado da linha está a figura grave de um senhor”. Mal sabia que era isso mesmo, e todos íamos conhecendo, aos poucos, como era profundo nas suas ideias e convicções.

E competente. Depois de difíceis contatos e agendamentos, um velho jornalista, diretor da revista Banas, veio de São Paulo para Campinas entrevistar o presidente da nossa empresa. Ficou conosco quase duas horas, gravou tudo e se foi para sua Redação. No fim da tarde, ligou para nos dizer que a gravação não tinha dado certo, não gravara nada, e que não sabia o que fazer: a matéria era de capa com a foto da fábrica já impressa. Eustáquio, que acompanhara a entrevista, arregaçou as mangas, recriou de cabeça as perguntas e ele mesmo as respondeu, brilhantemente. O presidente nunca ficou sabendo de nada.

Um dia precisou partir para novos desafios, desta vez no Rio de Janeiro. Não se deu bem no dia a dia carioca, e logo já voltava para Campinas.

Por sorte, pois aqui é que iria se definir, finalmente. De novo o jornalista, agora, na redação do recém fundado Jornal de Hoje; e depois na Unicamp, marcando sua atuação à direção da área de imprensa. Vieram, então, os livros com registros históricos, novelas, biografias de personagens famosos, as inspiradas crônicas onde mostrava o seu talento: Viagem ao centro do dia - diário, Hemingway: sete encontros com o leão, A febre amorosa!, O mapa da Austrália, O mandarim: história da infância da Unicamp. Sua obra literária se completava.

Marcou presença no Correio com seus inspirados textos para a revista MetrÓpole. Um dia perguntei a ele como conseguia, todas as semanas, uma nova ideia para a sua crônica, sempre tão bonita, criativa, transbordante de emoção: “bem, guardo comigo alguns caminhos, tenho a mão textos já rascunhados, mas, na verdade, no dia certo de entregá-la, sento-me a frente do computador, fecho-me no meu mundo, e só paro quando a tenho prontinha”.

Nos últimos anos conosco, sofreu as agruras de uma enfermidade que o deixou longe de seus horizontes brilhantes, principalmente na literatura.

Em junho de 2007, ainda na plenitude de suas faculdades, estivemos juntos um dia, para dois dedos de prosa. Almoçamos na Universidade. Notei que os anos o tinham mudado um pouco: estava, agora, mais sereno no porte e

nas palavras, maduro, cabelos brancos nas têmporas. Era o escritor Eustáquio, já consagrado.

Voltado para meus pensamentos, com os olhos subindo pelas encostas da torre do Castelo, fiquei ali divagando por algum tempo. Quando voltei para o meu amigo, não o vi mais. Procurei-o dentro da farmácia, nas imediações de onde estávamos, mas nada. Teria sido uma aparição não explicada no aniversário de sua partida, dez anos antes? Nunca fiquei sabendo ao certo de nada.

**Gustavo Mazzola**

é jornalista e membro da Academia Campinense de Letras

**mazzola@sigmanet.com.br**